

RTA VILELA



OS  
DESCENDENTES DE  
MERLIN

A LENDA DO CONDE DRÁCULA

ORBITAL

RITA VILELA

OS  
DESCENDENTES DE  
**MERLIN**

---

A LENDA DO CONDE DRÁCULA

CLUB  
DE  
AUTÓR  
OR



Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.  
Reprodução proibida por todos e quaisquer meios.

A presente edição segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico  
da Língua Portuguesa de 1990.

© 2016, Rita Vilela  
Direitos para esta edição:  
Clube do Autor, S. A.  
Avenida António Augusto de Aguiar, 108 - 6.º  
1050-019 Lisboa, Portugal  
Tel.: 21 414 93 00 / Fax: 21 414 17 21  
info@clubedoautor.pt

Título: *Os Descendentes de Merlin – A Lenda do Conde Drácula*  
Autor: Rita Vilela  
Revisão: Silvina de Sousa  
Paginação: Maria João Gomes,  
em caracteres Aldine  
Impressão: Cafilesa – Soluções Gráficas, Lda. (Portugal)

ISBN: 978-989-724-321-9  
Depósito legal: 415113/16  
1.ª edição: Outubro de 2016

[www.clubedoautor.pt](http://www.clubedoautor.pt)

À Ana e ao Mário, que já fazem parte da família.



Foi na estalagem dos quatro caminhos que a minha curiosidade foi desperta por uma história que contava que, no limite entre os reinos da Valáquia e da Transilvânia, havia um homem que tinha mais de 450 anos. Constava que já morrera e que ressuscitara, dizia-se que era imortal. Também circulavam rumores de que teria uma força sobre-humana, que se alimentaria de sangue, que aqueles que se aproximavam do seu território acabavam por sofrer mortes horríveis.

Eu sabia que a magia existia, mas o que me fora transmitido pelo meu mentor era que nem Merlin, o mais dotado dos magos, conseguira vencer a morte, e para viver 450 anos era preciso vencê-la muitas vezes.

Então, se não se tratava de imortalidade, tinha de haver outra explicação para o surgimento daquela lenda... e eu estava disposto a descobri-la.



Enquanto na Alemanha, a Lina e eu tentávamos regressar a casa com um saldo próximo do zero, em Coimbra, o Adamastor continuava a não dar tréguas aos descendentes de Merlin refugiados na cidade dos estudantes, obrigando os meus irmãos a usar todos os seus recursos para evitarem o pior.

É então que a mesma mensagem é enviada para mim, para a Dália, para o Rodrigo e para a Lina, um pedido de ajuda vindo de terras da Roménia, da floresta da Transilvânia.

E eu, que sempre acreditei que os vampiros não passavam de folclore popular, de histórias criadas para meter medo às crianças, ou para aumentar as vendas de livros e as receitas das bilheteiras do cinema, dou por mim a temer a chegada da noite na densa floresta junto aos montes Cárpatos.

Um diário antigo, de um fiel como nós que ousou partir à descoberta, mostra-nos que outros já partilharam as dúvidas que agora nos atormentam, e garante-nos que os perigos que ali espreitam são reais.



No presente, como no passado, a procura vai conduzir à revelação da verdade escondida por detrás de uma lenda que continua viva, século após século: a lenda de Draculea, o filho do Dragão.

É esta aventura que vos trago agora, mas, não se iludam, apesar de na altura não passarmos de uns putos, este relato não é para crianças, os perigos que enfrentámos foram reais, e se agora me atrevo a falar neles é porque muita coisa já mudou e eu próprio já cresci.

## Problemas em Coimbra

A Dália acelerou em direção à porta de entrada, abriu-a, saiu e saltou os degraus de três em três até ao rés do chão. Já na rua, começou a correr pelo passeio, chegou à esquina, virou à esquerda e, verificando que não havia ninguém por perto, parou, encostou-se à parede e gritou:

– Meeeeeeeeeeeeeeerda!

Depois inspirou fundo e repetiu para si própria: “Calma! Tem calma!” Endireitou as costas, inclinou-se para a frente, e continuou a corrida no sentido do rio. Atravessou a ponte pedonal, seguiu o percurso pela outra margem, cruzou a Ponte de Santa Clara, e, quando se sentiu cansada mas já sem *stress*, decidiu regressar.

Coimbra estava no auge das praxes e ela parou um pouco para observar o que se passava... O que viu não a deixou com grande vontade de entrar na faculdade.

Já a meio caminho de casa, lembrou-se de que não ia aos Correios desde terça-feira, e que era boa ideia confirmar se teria chegado alguma coisa.

Abriu a porta do apartado sem grande fé, mas, lá dentro, encontrou uma surpresa: um embrulho castanho, sem remetente.

Apalpou-o e verificou-lhe o peso. Estava cheia de vontade de espreitar o conteúdo, mas não o fez, o Adamastor andava por perto, não era seguro demorar-se ali mais do que o estritamente necessário.

Meteu o embrulho dentro do casaco e correu de regresso aos apartamentos onde os problemas continuavam à sua espera.

\*\*\*

Quando a Dália recebera a notícia de que a escola onde o Rodrigo e ela estudavam iniciaria as aulas com um mês de atraso, devido a um problema qualquer no edifício que punha em causa a segurança dos alunos, andara aos saltos pela casa a comemorar a continuação das férias grandes. E, como os pais tinham aceitado uns trabalhos fora de Portugal que ajudariam a equilibrar as contas, ela e o Rodrigo tiveram luz verde para permanecer em Coimbra durante mais uns dias.

Mas, com a nossa partida para a Holanda, minha e da Lina, numa missão urgente<sup>1</sup>, o apoio aos descendentes de Merlin escondidos na cidade dos estudantes tornara-se mais complicado de gerir. E agora que o Rodrigo, com 18 anos acabadinhos de fazer, se deslocara a Lisboa para o exame de condução, a Dália ficara sozinha no apoio aos estrangeiros e estava a dar em doida... e até já queria que as aulas recomeçassem depressa só para poder descansar um pouco.

---

<sup>1</sup> Ver *Heróis do Mar*.

A verdade é que, desde que o comboio do Rodrigo partira, na manhã de segunda-feira, ela ainda não parara de fazer recados, e a situação acabara de ultrapassar o limite da sua paciência, que, vamos ser sinceros, nunca foi o ponto forte da minha irmã!

A volta que dera para arejar ajudara-a a regressar mais tranquila, mas mal entrou no apartamento foi abordada por quatro pessoas a falar ao mesmo tempo, cada uma com um pedido diferente: uma não conseguia acender o forno; outra precisava de um secador de cabelo; outra queria que trocassem uma peça de roupa recém-comprada porque não lhe servia; e a última queixava-se de um problema de pele e necessitava de um creme hidratante especial. O Rodrigo tinha montado um sistema de compras *online* nos supermercados da cidade, mas quando era necessário alguma coisa urgente, ou diferente, era a nós que todos na casa recorriam... e agora só restava a Dália, que estava formalmente, oficialmente e definitivamente farta de tanto pedido!

A minha irmã inspirou fundo, fez um sorriso forçado e prometeu a todos que iria tratar dos seus assuntos logo que pudesse. Dirigiu-se então à garagem, para ter alguma privacidade, ligou ao Rodrigo e começou a conversa com a palavra *help*.

– Quando é que eles voltam para casa, Rodrigo? Acho que não aguento fazer de escrava durante muito mais tempo. – Depois, ela própria reconheceu: – Sim, eu sei, deve ser horrível ter de partir, deixar tudo para trás, família, amigos, mas... eles são muitos, não podem sair à rua para não serem reconhecidos, e há sempre um a precisar de alguma coisa. Para piorar tudo, hoje chegam mais sete de Lisboa. Quem me dera que não viessem! – desabafou, sem imaginar que

nesse dia ainda se iria arrepender de ter formulado esse desejo.

Do outro lado, o meu irmão conseguiu acalmá-la. As notícias dele eram duplamente boas, tinha acabado de passar no exame de condução e já estava no comboio de regresso a Coimbra.

– Aguenta só mais um bocadinho. Já vou salvar-te! – garantiu, e depois acrescentou: – Olha, se puderes, vai aos Correios ver se chegou alguma coisa.

As palavras dele lembraram-lhe a encomenda que fora buscar. A Dália apertou a roupa contra o corpo, confirmando que o embrulho já não estava lá. Onde o teria posto? Os pedidos que lhe haviam feito, mal entrara em casa, tinham-na distraído do pacote e agora já não se lembrava sequer de o ter tirado de dentro do casaco. Correu ao apartamento por onde tinha entrado. Refez o circuito e não o viu em lado algum. Sentiu a ansiedade a invadi-la. Voltou à rua e percorreu todo o caminho de regresso aos Correios sem encontrar nada. Aquele pacote continha provavelmente um conjunto de relatos mágicos únicos, impossíveis de substituir, que a mãe da Lina lhes enviara para ficarem protegidos (já não era a primeira vez que o fazia em situações de emergência). Ela não podia ter perdido uma coisa daquele valor. Grande, grande, merda!

\*\*\*

Enquanto os meus irmãos, a Dália e o Rodrigo, gerem as crises em Coimbra, a Dália e eu percorremos a Europa, conhecendo novas cidades e novos caminhos, aproveitando a oportunidade para estarmos juntos, só os dois.

De momento, num centro comercial, comemos batatas fritas, ela pega num palito, dá uma pequena dentada, e depois coloca-a em frente da minha boca, para eu dar a seguinte, e volta a ser a vez dela e depois a minha... Eu preferia comer a batata de uma vez, mas acho graça ao ar feliz da Lina a fazer isto. Quem disse que não se podia namorar e comer batatas ao mesmo tempo?

Esta é a versão que estou a pensar contar, só para os encher de inveja, quando no regresso me perguntarem o que andámos a fazer. Mas, na realidade, este cenário cor-de-rosa é só uma parte da verdade, uma pequena parte.

\*\*\*

Mal entrou em casa, com ar desanimado, a Dália viu a Marie Lune sentada à mesa a folhear um livro antigo, ao lado do qual havia um papel de embrulho castanho, amarrado.

– Onde encontraste isso? – questionou, com uma réstia de esperança.

– Desculpa! Foste tu que o trouxeste? Estava desarrumado, não tinha o nome do destinatário e fui fazer uma ronda pelos apartamentos para ver a quem pertenceria. Como ninguém se acusou, decidi abri-lo para ver se dentro haveria alguma indicação sobre a quem pertencia.

“E deixá-lo onde estava, não seria boa ideia?”, pensou a Dália, mas calou-se. A minha irmã estava dividida entre a vontade de bater na Marie Lune por lhe ter pregado um susto gigantesco e o desejo de lhe dar um abraço por ter acabado de lhe resolver o problema. Respirou aliviada e escolheu uma terceira opção:

– O que é que nos enviaram? – perguntou, aproximando-se.

– É um livro antigo... – começou a Marie Lune. – Trata-se do diário de um fiel. Usa os caracteres da língua mágica merliana, apesar de o relato não ser mágico... Os fiéis não têm magia!

Que o livro era antigo e que os fiéis não tinham magia eram coisas óbvias. Se estava escrito em caracteres merlianos ou noutros quaisquer, não lhe interessava... Ela queria era que a Marie Lune lhe dissesse o que continha.

– Que tipo de diário? Conta mais – pediu, já impaciente.

Mas o toque da campainha interrompeu-as. A minha irmã foi abrir e do outro lado encontrou o rosto sorridente do Rodrigo.

Sem lhe dar tempo de “pousar”, agarrou-o por um braço e encaminhou-o para junto da Marie Lune, explicando-lhe apenas, para o enquadrar, que tinham recebido uma encomenda no apartado. O meu irmão seguiu-a, sem hesitar, e juntos ouviram a história que a guardiã partilhou com eles.

Por momentos, os pedidos pendentos deixaram de existir, aquela história tornou-se a sua única realidade, e a Dália descobriu uma coisa importante: ouvir relatos conseguia ser mais relaxante do que fazer *jogging* junto ao rio.

## **A lenda do imortal**

Corria o ano de 1893, aquele em que a vida da melhor pessoa que conheci chegou ao fim. Ele era um homem especial, possuía conhecimentos extraordinários, capacidades únicas e uma coragem a toda a prova; mas, apesar de eu ser apenas um indivíduo comum, ele deu-me o privilégio de uma vida ao seu serviço, tratando-me como um igual e permitindo que lhe chamasse amigo.

O meu pai trabalhava na mansão dos pais dele, eu conhecia-o desde sempre. Assim que ganhei idade para servir como aprendiz, ele contou-me a verdade sobre a sua ascendência, explicou-me que o sangue do grande mago Merlin lhe corria nas veias, que dele herdara a magia e, com ela, a responsabilidade de preservar em relatos mágicos episódios marcantes da História da humanidade, para que as gerações vindouras pudessem um dia revivê-los como se os tivessem testemunhado. Enquanto eu ainda assimilava a sua revelação, convidou-me a acompanhá-lo nas suas aventuras.

Nos mais de dez anos que estive ao seu serviço, corri mundo,



e, enquanto o protegia e apoiava, fui crescendo em força, em experiência, em conhecimento. Tudo o que sei hoje, tudo o que sou, a ele o devo.

Além da tristeza pela perda de um amigo, via-me sozinho, sem mentor, sem trabalho, sem missão, sem nada... Podia ter regressado à minha aldeia, mas depois de tudo o que já vira e aprendera, o local da minha infância tornara-se pequeno demais para mim.

Após um mês perdido, mergulhado em desespero, tomei uma decisão: a melhor forma de prestar homenagem ao meu antigo mentor era seguir o seu exemplo, dar continuidade à sua missão. Eu não tinha o dom da Visão para saber onde ocorreriam os episódios da História que mereciam ser imortalizados, nem possuía o dom da magia para os preservar para a posteridade em relatos mágicos, mas isso não significava que não pudesse fazer alguma coisa. Podia informar-me, ouvir as vozes dos viajantes, perceber o que acontecia fora das quatro paredes onde me tinha trancado desde que sofrera a sua perda. E se identificasse locais onde se estava a fazer História, poderia deslocar-me até lá, com a minha pena, o meu tinteiro e o meu diário, para registar acontecimentos que, de outra forma, acabariam perdidos nas brumas do esquecimento.

Tomada esta decisão, tinha agora de escolher por onde começar. Com uma determinação renovada, fui até à estalagem dos quatro caminhos, onde diariamente os viajantes interrompiam a marcha para dar descanso e alimento aos seus cavalos, enquanto eles próprios desfrutavam de uma refeição quente, de uma cama ou apenas de um copo.

Durante vários dias, fiquei de ouvidos bem abertos à espera de que se revelasse uma pista que valesse a pena seguir, e o meu esforço foi recompensado.

Foi na estalagem dos quatro caminhos que a minha curiosidade foi desperta por uma história que contava que, no limite entre os reinos da Valáquia e da Transilvânia, havia um homem que tinha mais de 450 anos. Constava que já morrera e que ressuscitara, dizia-se que era imortal. Também circulavam rumores de que teria uma força sobre-humana, que se alimentaria de sangue, que aqueles que se aproximavam do seu território acabavam por sofrer mortes horríveis.

Eu sabia que a magia existia, mas o que me fora transmitido pelo meu mentor era que nem Merlin, o mais dotado dos magos, conseguira vencer a morte, e para viver 450 anos era preciso vencê-la muitas vezes.

Então, se não se tratava de imortalidade, tinha de haver outra explicação para o surgimento daquela lenda... e eu estava disposto a descobri-la.

O meu primeiro desafio a *soló* não parecia fácil. Uma parte da história podia não passar de lenda, mas desconfiava que os pengos que lhe estavam associados eram verdadeiros, e eu sabia que aquele que se intromete em assuntos alheios arrisca-se sempre mais do que o que segue a sua vida.

Uma das poucas vantagens de ter perdido tudo é que já não temos receio de perder mais nada, ganhamos liberdade. Se, durante a minha busca pela verdade, chegasse a hora de me juntar ao meu falecido mestre, pelo menos a morte apanhar-me-ia a fazer algo útil: a ajudar a causa merliana, e não fechado em casa como um falhado, a afogar as mágoas num jarro de vinho.

Decidi portanto avançar, montei o *Zeus*, o cavalo que fora do meu mentor, esporeei-o e parti para nordeste, em direção à Transilvânia. Nos alforges levei os relatos mágicos que ele escrevera ao longo das nossas viagens. Era meu dever assegurar a sua proteção até que outro descendente de Merlin,

outro guardião da História, cruzasse o meu caminho e me libertasse desse fardo.

Durante muitos dias, cavalguei como um doido, parando apenas o tempo suficiente para a minha montada comer e recuperar forças, antes de lhe exigir uma nova etapa. Felizmente, o Zeus era um animal bastante resistente e não me obrigava a paragens muito prolongadas.

Só quando estava a poucos dias do meu objetivo é que abrandei o ritmo e comecei a fazer perguntas às pessoas com quem me cruzava.

No meu diário anotei todas as informações relevantes e, conversa a conversa, fui traçando o perfil daquele que era conhecido por Drácula.

Nos primeiros locais onde procurei respostas, apenas encontrei pessoas que tinham ouvido as histórias da boca de alguém, que as ouvira de outra pessoa, que as escutara algures... Ali não consegui factos, apenas lendas.

Mas, curiosamente, à medida que me aproximava do local onde aparentemente o conde Drácula fora avistado, as pessoas tornavam-se mais reservadas. E se a coisa já corria mal nas tabernas e estalagens de beira de estrada, nas aldeias era muito pior... Nas pequenas povoações, mal eu tocava no assunto, todas as portas se fechavam. Era evidente que aquela questão lhes provocava grande receio.

Tomava-se desesperante obter opiniões de pessoas que nada sabiam e só conseguir silêncio daqueles que tinham presenciado acontecimentos estranhos ou conheciam alguém que tivera um avistamento.

A minha abordagem aos aldeões, pedindo informação sobre o tema "vampiros" e "Drácula", não estava a resultar. Era preciso mudar de estratégia, mas a quem poderia perguntar?

Na estalagem seguinte, onde parei para comer e recolher informação, o estalajadeiro comentou que era uma pena eu não ter chegado um pouco antes, pois estivera ali a almoçar um professor que dava aulas em Bucareste e que era considerado um grande especialista na história da região. Ele certamente poderia ajudar-me.

- A sua carruagem seguiu naquela direção - apontou -, deve ter-se cruzado com ela de certeza... É uma carruagem nova, com cortinas vermelhas, puxada por dois cavalos brancos.

Acenei com a cabeça, eu lembrava-me dos cavalos. Não hesitei. O *Zeus* tinha galopado todo o dia, estava visivelmente cansado, mas era uma oportunidade que não se poderia perder.

Deixei o meu cavalo beber um pouco de água antes de o obrigar a dar meia volta e seguir, a grande velocidade, pelo caminho que ainda há pouco tínhamos percorrido em sentido contrário.

Ao fim de uma hora a dar o seu melhor (o *Zeus* é de facto um cavalo excecional), avistámos a carruagem, com uma das cortinas vermelhas a esvoaçar ao vento. Meti-me à sua frente e obriguei o cocheiro a interromper a marcha.

A porta abriu-se, deixando passar um homem de óculos, bem vestido, de arma na mão.

- Se pensa saquear-me, aconselho, é melhor seguir o seu caminho, porque aqui há quem saiba defender-se.

Antes de lhe conseguir responder, senti encostado à nuca o toque frio da arma empunhada pelo cocheiro.

- Mil desculpas, senhor, se o induzi em erro. Não pretendo o seu dinheiro, procuro o seu saber. - E expliquei-lhe então que também eu era um estudioso, que queria conhecer

a verdade por detrás da lenda de um homem imortal que se alimentava de sangue. Acrescentei que fora o estalajadeiro que me recomendara que conversasse com ele.

Olhou para mim com ar desconfiado, e eu, para o convencer, mostrei-lhe uma página do meu caderno onde, por baixo da palavra Drácula, tinha listado tudo o que já descobrira.

Ele leu em voz alta a minha lista, sorrindo algumas vezes:

- Tem mais de 400 anos
- É vampiro, alimenta-se de sangue
- É imortal, não envelhece
- Tem força sobre-humana
- Comanda criaturas noturnas
- Pode transformar-se em lobo ou em morcego
- Com o poder da mente, pode controlar pessoas
- A sua dentada transforma as vítimas em bebedores de sangue
- Não tolera a luz do Sol
- Alho, cruces e água benta são eficazes como proteção dos seus ataques

– Não sou especialista neste tema em concreto, cavalheiro, mas deteto aqui muito disparate, muita credice. Poderia dizer-lhe o que sei, mas não disponho de tempo, ou chegarei atrasado a um compromisso com uma dama. As minhas desculpas! – declarou, regressando à carruagem e começando a fechar a porta.

Mas, ao ver o meu ar desanimado, recuou um pouco na decisão e sugeriu:

– A menos que queira fazer-me companhia durante a viagem. Nesse caso, não me importo de partilhar consigo o pouco que sei sobre esse assunto.

Agradei, amarrei o Zeus à traseira da carruagem dele e entrei, sentando-me à sua frente.

O meu interlocutor manteve a mão oculta sob a capa, sinal de que ainda não confiava em mim e tinha a arma pronta caso fosse necessário, mas foi muito cordial, quase amigável, na forma como me tratou. E, depois de tantos dias a cavalgar sozinho, souberam-me bem o conforto e a companhia de alguém capaz de uma boa conversa.

O professor, cujo nome não revelarei, a seu pedido, explicou-me que havia mais de 450 anos, em 1431, nascera na Transilvânia um príncipe chamado Vlad. O seu pai, Vlad II, governara a Valáquia e era conhecido por Dracul, devido à sua pertença à Ordem do Dragão, uma ordem religiosa de cavalaria dedicada a proteger a Europa cristã do Império Otomano. E se o pai era Dracul, o filho, Vlad III, passou a ser Draculea.

- Draculea? - questionei.

- Sim. "ea" significa filho, Draculea, o filho de Dracul, o filho do Dragão.

- O filho do Dragão... Que interessante! - comentei.

- Esse mesmo príncipe veio a ganhar mais tarde o cognome de *Tepes, Vlad Tepes*, que significa Vlad, o *Empalador*...

É fácil deduzir porquê.

- O que quer dizer empalador? - questionou a Dália, interrompendo.

- Empalar era algo muito... Bem... Era horrível! Uma forma sangrenta de matar pessoas, em que se usava um pau comprido que se introduzia...

A Dália fez uma careta e mandou calar o Rodrigo, se empalar era isso, então ela não queria saber.

A explicação terminou ali e o relato continuou.

- Vlad Tepes ficou famoso pela sua ferocidade no combate aos turcos otomanos que tentavam invadir o seu território, combates em que começou a participar ainda antes de completar dezoito anos. A crueldade com que torturava e matava os inimigos tornou-se lendária. Estima-se em muitos milhares o número de mortes por que foi responsável, parte delas de civis, rivais políticos, criminosos, ou simplesmente pessoas que considerava sem utilidade. Há quem diga que tinha prazer em matar, que gostava de sangue, que se alimentava dele...

Eu absorvia cada palavra daquele homem e, embora tivesse imensas perguntas a nascerem-me no espírito, não o interrompi.

- A ideia de o príncipe ser capaz de voltar dos mortos pode ter nascido durante uma batalha em que Vlad foi atingido na cabeça por um golpe tão forte que o deixou inanimado, levando a que os seus homens o considerassem morto. Quando recuperou os sentidos e retomou a luta, conduzindo o seu exército à vitória, o acontecimento foi visto como um milagre: o grande líder acabara de regressar do Além; conseguira vencer até a própria morte. Mas há mais, existe uma aura de mistério à volta da sua morte, que se acredita ter ocorrido em mil quatrocentos e setenta e seis, com a idade de quarenta e cinco anos. O facto é que não se sabe muito bem o que aconteceu, uns dizem que foi morto em combate, outros que foi assassinado por gente do seu próprio reino. O paradeiro do corpo permanece desconhecido.

O professor interrompeu a conversa para dar ordem ao cocheiro para parar na próxima localidade e depois prosseguiu:

- Olhando para a história de Vlad III, é fácil perceber como nasceu a lenda do conde Drácula! Desde a Antiguidade que

em diversos pontos do mundo surgiram histórias de vampiros, criaturas que bebem sangue e sugam a vitalidade dos outros, isso não começou aqui. Mas nesta região em concreto o vampiro não é apenas um tipo de morto-vivo, aqui, ele tem uma identidade, tem um nome: Drácula.

Acenei com a cabeça, acompanhando o raciocínio.

- Ora, passar de "gostar de sangue" para "beber sangue" não é um passo grande. E, se não se sabe do seu corpo, e o homem já tem fama de ter ressuscitado uma vez, porque não pensar que foi capaz de repetir a proeza? Além do mais, se ganhou batalhas difíceis, é natural que lhe atribuam uma força excepcional. E se todos lhe obedecem, é mais honroso acreditar que tem o poder de controlar as mentes do que reconhecer que a obediência resulta da falta de coragem dos homens para enfrentar um "louco sanguinário". As histórias de vampiros nesta zona, como noutras regiões do mundo, resultam da imaginação e dos receios de gente supersticiosa - sorriu, com ar convencido. - Mas a ligação entre o conde "Drácula", o nome associado ao vampiro dos montes Cárpatos, e o príncipe Vlad Draculea não deixa grande margem para dúvidas. Estou seguro de que falamos do mesmo homem, de que o folclore popular agarrou no príncipe, e conde, Vlad III e o transformou no conde Drácula, criando a lenda.

Quando terminou a sua apresentação, ficámos em silêncio. Ele já partilhara comigo tudo o que sabia, e cada pedaço de informação que transmitira fazia-me sentido e seria anotada por mim na primeira oportunidade.

Embora me soubesse bem continuar na sua companhia, tive pena do Zeus, que não descansava há muitas horas, e, mal avistei as primeiras casas de uma povoação, pedi-lhe que parasse.